

OPINIÃO PÚBLICA

"A comunidade se transforma no próprio laboratório permanente de pesquisa e observação"



A UNIVERSIDADE NO JORNAL Unindo teoria à prática



Simone Tuzzo

Especial para
OPINIÃO PÚBLICA

Mídia e Universidade na construção da cidadania

Tudo o que é produzido na universidade só tem sentido quando aplicado na sociedade onde ela está inserida.

Dentro desse princípio esta coletânea de artigos produzidos pelos alunos do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Goiás – UFG é fruto da consciência de alunos e professores sobre a necessidade de socialização do conhecimento a partir de estudos teóricos e práticos da academia. Além disso, uma parceria com o jornal *Diário da Manhã* que comprova mais uma vez o seu olhar inovador de abertura de espaço para a ciência e os novos pensamentos sobre questões de interesse social. Uma parceria que desde 2010 garante a relação entre a mídia e a universidade.

A universidade representa para a sociedade um organismo de cultura, de conhecimento, de educação e de desenvolvimento científico-tecnológico. Assim, a universidade precisa conhecer através da própria sociedade aquilo que ela necessita e devolver a ela o que esta sociedade esteja pronta para absorver, a fim de que suas descobertas e suas formas de questionamento ideológi-

co se transformem em um bem para a sociedade.

Os professores e alunos aprendem com a própria sociedade e os conhecimentos universitários se tornam mais importantes quando os atores do processo de aprendizagem podem ultrapassar os limites geográficos das instituições de ensino superior e frequentar a comunidade; aprender com ela, descobrir seus anseios e produzir para ela e baseado nela. A comunidade se transforma no próprio laboratório permanente de pesquisa e observação.

Ao mesmo tempo a universidade preserva uma herança de saberes secular, constantemente reexaminados e atualizados para serem novamente aplicados na sociedade sobre um efeito de regeneração dos saberes e da memória.

Por isso, ela é simultaneamente conservadora, regeneradora e geradora. A universidade tem uma missão e uma função transecular que vão do passado ao futuro por intermédio do presente; tem uma missão transnacional que conserva, porque dispõe de uma autonomia que a permite efetuar esta missão.

A universidade e a sua relação



A mídia faz parte do processo no sentido de informação e difusão de novas ideias. Baseado no princípio de que não há formação de opinião se não há informação, o papel da mídia se torna fundamental na construção da opinião pública

com a mídia desenvolvem uma ação direta na construção da opinião pública, no momento em que a universidade se apresenta

como espaço de reflexão para os acontecimentos sociais, permitindo que seus alunos e professores relictam sobre a construção da so-

ciência, e também ajuda a formar os profissionais que estarão construindo os bens simbólicos da indústria cultural. Assim, os valores que cada novo profissional cultivar durante os anos de universidade, terão reflexo naquilo que estarão desenvolvendo no mercado de trabalho.

A mídia faz parte do processo no sentido de informação e difusão de novas ideias. Baseado no princípio de que não há formação de opinião se não há informação, o papel da mídia se torna fundamental na construção da opinião pública.

Os textos dessa coletânea são fruto de pesquisas e trabalhos acadêmicos realizados no primeiro semestre de 2011 na disciplina Seminários em Mídia e Cidadania, ministrada por mim no programa de Mestrado em Comunicação da UFG. Convido o leitor a participar dessa construção do conhecimento.

(Simone Tuzzo – relações públicas, doutora em Comunicação, professora efetiva do programa de Pós-Graduação em Comunicação – Especialização e Mestrado – Universidade Federal de Goiás – UFG. simonetuzzo@hotmail.com)



Renata Prado

Especial para
OPINIÃO PÚBLICA

A materialização da aldeia global de McLuhan em prol da cidadania

O teórico da comunicação Marshall McLuhan define a aldeia global, um de seus conceitos básicos, como um lugar comum, promovido pelo desenvolvimento da tecnologia. Neste lugar comum as pessoas se comunicam diretamente e existe uma aura de mundo melhor envolvida: se todos estão juntos e diretamente conectados, os esforços convergirão para melhoria da convivência em sociedade.

Muitos outros pensadores criticaram esse conceito de McLuhan, por parecer simplista e utópico demais. Se tomarmos ao pé da letra podemos também discordar desse pensamento: nem todas as pessoas têm acesso à informação e à tecnologia, portanto é impossível falar em uma aldeia global com tantas discrepâncias sociais nos circundando hoje.

Considero crítico o pensamento desse ponto de vista tão simplista quanto à ideia original considerada pelos opositores. E tomando como ponto de partida a internet como um lugar de confluência comunicacional podemos perceber esse pensamento de uma maneira diferente e entender porque o conceito do autor canadense parece de fato, mal interpretado.

Quando vejo a forma como a internet se embrenhou nas nossas vidas e quando vejo o poder que as redes sociais atingiram, me curvo ao poder dessa nova forma de comunicação. Estudos recentes do Comitê Gestor de Internet (CGI)



Estudos recentes do Comitê Gestor de Internet no Brasil (CGI) mostra que estamos mais conectados aqui do que qualquer pessoa em qualquer outra parte do mundo

no Brasil mostra que estamos mais conectados aqui do que qualquer pessoa em qualquer outra parte do mundo. Passamos uma boa parte do dia conectados em redes sociais e realmente acreditamos no poder delas. E principalmente, o acesso à internet no Brasil não tem classe social definida.

A diferença percentual de acesso segundo segmentação de classe

é mínima, de no máximo 2%, considerando classes A, B, C e D. Um desses dias mesmo uma varredora de rua puxou assunto comigo e me contou que adorava passar seu tempo livre fazendo pesquisas no google e vendo fotos no orkut. Outro dado curioso é que mesmo existindo uma diferença maior entre a quantidade de pessoas que está conectada por região, o grau

Toda nova tecnologia tem seu tempo de acomodação. O novo é sempre estranho e causa angústia até que se aprenda a lidar com ele

de conectividade é muito maior no Nordeste e no Norte, onde existem menos pessoas conectadas.

Esse tipo de pesquisa mostra a força da internet no Brasil e me faz refletir sobre como a estamos utilizando, com que finalidade. Alguns podem dizer que a opinião da internet ainda não tem poder por si só, frente à opinião pública gerada pela mídia de massa. Talvez ainda não, mas nesse ponto eu olho para fora. Nossa sociedade em muitos momentos foi um reflexo posterior da realidade anterior dos Estados Unidos ou da Europa, por exemplo. Observando como esses países se comportam hoje com relação ao uso da internet, arrisco prever que um dia aqui ela terá um poder bem maior, com força de veto por si própria.

Com ou sem poder próprio, acredito na aldeia global através da internet pela simples observação: quantas causas ganham mais adeptos dia após dia, quantas empresas são boicotadas, seja por crueldade animal ou social, quantas revoltas populares e mo-

vimentos sociais são apoiados continuamente. Há inúmeros casos a citar, em que a simples coalisão online foi suficiente para dar start a ações de cidadania, que inclusive chegaram a grande mídia.

Tudo isso pelo princípio básico da aldeia global de McLuhan: tornou-se mais fácil através da internet as pessoas se comunicarem umas com as outras. Mesmo que ainda tenhamos muitos excluídos digitais, o meio existe e está à mercê. A simples existência faz com que outros possam lutar para garantir direitos aos que não os têm.

Como disse o próprio pensador canadense: "Nosso tempo é um mundo novo em folha, do tudo ao mesmo tempo agora. O tempo cessou, o espaço desapareceu. Vivemos agora em uma aldeia global". É claro que essa alteração espaço-temporal traz seus dilemas: somos mais angustiados pela falta de tempo, e mais imediatistas em nossos desejos e ações.

Mas como o próprio McLuhan também disse: toda nova tecnologia tem seu tempo de acomodação. O novo é sempre estranho e causa angústia até que se aprenda a lidar com ele. E o que realmente importa nessa nova realidade é a forma como a estamos utilizando, não apenas para o entretenimento, mas também para a construção de um mundo – ou aldeia global, como preferir – mais justo, mais coeso, mais cidadão. (Renata Prado, da Universidade Federal de Goiás)